

## **O RIO DE JANEIRO NA ROTA DA SOUTHERN BAPTIST CONVENTION: UM ENSAIO SOBRE A MISSÃO E AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE**

**RAMON OLIVEIRA**

Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRIO), graduado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT), e ministro de jovens na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (PIBRJ).

## O RIO DE JANEIRO NA ROTA DA SOUTHERN BAPTIST CONVENTION: UM ENSAIO SOBRE A MISSÃO E AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE

### Resumo

Existe um intenso debate entre os batistas brasileiros acerca do seu marco inicial. A discussão sobre esse evento histórico voltou-se para a fundação da Igreja Batista de Santa Bárbara e da Primeira Igreja Batista de Salvador. Enquanto Dra. Betty Antunes de Oliveira defendeu a igreja paulista (organizada por colonos confederados) como o pontapé inicial dos batistas no Brasil, José dos Reis Pereira alegou a igreja baiana nessa condição (organizada por missionários da Junta de Richmond). Todavia, pouco se fala a respeito do lugar do Rio de Janeiro, a capital imperial, no projeto missionário da *Southern Baptist Convention* (SBC). Logo, o presente artigo tem como objetivo situar a posição estratégica desta cidade no projeto missionário da SBC, sinalizando que, desde o princípio, a capital foi a única região pensada como o coração e a base do trabalho batista no Brasil. Desse modo, vamos apresentar um breve panorama das iniciativas evangelísticas no Rio e permaneceremos atentos às circunstâncias sociais, econômicas e culturais que marcaram as relações de alteridade entre os batistas do sul dos EUA e os brasileiros no decorrer do século XIX. Destaco que este artigo é fruto de pesquisas realizadas durante a produção da dissertação: "A Cidade Vai ao Culto: uma história social dos batistas no Rio de Janeiro (1900-1930)" defendida no corrente ano no Programa de Pós-Graduação em História da PUC-RIO.

**Palavras-Chave:** Batistas. Missões. Rio de Janeiro.

### Abstract

There is intense debate among Brazilian Baptists about their initial milestone. The discussion of this historic event turned to the foundation of the Santa Barbara Baptist Church and the First Baptist Church of Salvador. While Betty Antunes de Oliveira defended the São Paulo church (organized by Confederate settlers) as the initial tip of the Baptists in Brazil, José dos Reis Pereira claimed the Bahian church in this condition (organized by missionaries from the Richmond Board). However, little is said about the place of Rio de Janeiro, the imperial capital, in the missionary project of the Southern Baptist Convention (SBC). Therefore, this article aims to situate the strategic position of this city in the SBC missionary project, signaling that, from the beginning, the capital was the only region thought of as the heart and basis of Baptist work in Brazil. Thus, we will present a brief overview of the evangelistic initiatives in Rio and remain attentive to the social, economic and cultural circumstances that marked the relations of otherness between the Baptists of the south of the USA and the Brazilians during the nineteenth century. I note that this article is the result of research carried out during the production of the dissertation: "A Cidade Vai ao Culto: uma história social dos Batistas in Rio de Janeiro (1900-1930)" defended this year in the Graduate Program in History of PUC-RIO.

**Keywords:** Baptists. Missions. Rio de Janeiro.

## Introdução

Após enviar seus primeiros missionários para China e posteriormente para o continente Africano, os batistas dos Estados Unidos direcionaram, pela primeira vez, suas atenções para a América do Sul. Neste tempo, ainda no início das suas jornadas evangelísticas, algumas cidades do hemisfério sul passaram a ser estudadas, tornando-se alvos dos interesses da Junta de Richmond[1]. Desse modo, desde os meados do século XIX, o Rio de Janeiro já se configurava na mentalidade dessa agência missionária como um lugar estratégico para o início do trabalho batista no Brasil.

O primeiro registro deste caso ocorreu na assembleia anual da SBC, de 1851. Nos relatórios dessa conferência podemos observar os conselheiros da convenção recomendando, logo que possível, o início das obras de evangelização em países latinos americanos. Dessa maneira, Cuba, México, Brasil e Panamá foram citados como alvos prioritários, assim como suas principais cidades como os pontos de partida adequados. Em síntese, o Rio de Janeiro foi pensado como o marco inicial da missão batista brasileira desde o primeiro instante em que o Brasil entrou na rota da SBC:

[...]A América do Sul parece ao seu comitê um vasto campo missionário, reivindicando as orações e esforços dos cristãos do sul dos EUA por seu bem presente e eterno. Não temos consciência de nenhum irmão, caloroso e qualificado, que tenha voltado sua atenção ou despertado interesses por esses importantes campos. [...]o nosso conselho de missões estrangeiras recomenda o estabelecimento, assim que os missionários responsáveis as avaliem, trabalhos em uma ou em todas as cidades de Havana, México, Rio de Janeiro, Valparaíso e Panamá ou em qualquer outra parte da América do Sul (tradução nossa)[2].

---

[1] *Annual of Southern Baptist Convention*, 1847. p. 20.

[2] Além de sinalizar interesses pelo Brasil, esses conselheiros também sinalizaram concepções que nortearam essas presenças missionárias. Pode-se observar, neste mesmo relatório, que a noção de superioridade racial anglo-americana impulsionou essas atividades evangelísticas. Segue alguns trechos deste mesmo documento: “[...] as inevitáveis tendências da raça anglo-americana, à qual pertencemos, para o avanço e anexação, nos últimos cinquenta anos, são questões surpreendentes e espantosas ao mais otimista observador, e cada passo consecutivo, essas tendências parecem ainda mais surpreendentes. Lousiana, Florida e Texas, cada um em sua época, afiguravam-se vastas aquisições; mas agora parecem bastante esquecidas, enquanto com um único passo nós conquistamos cerca de um quarto do nosso território atual [...] Mas quem pode apontar para o braço que interromperá nossas tendências, em direção ao pólo norte ou sul? [...]” Ver: *Annual of Southern Baptist Convention*, 1851. p. 11.

Curiosamente, a recomendação acima não foi atendida. Dois anos após esse evento, o próprio conselho informou a SBC que cancelaria o projeto por conta das dificuldades geradas por leis que favoreciam e oficializavam a Igreja Católica na América do Sul e Central[3]. Todavia, na assembleia de 1859, levados pela euforia da publicação da obra *The Brazil and Brazilians*[4], a convenção do sul voltou a incentivar suas juntas de missões estrangeiras a iniciar trabalhos no Brasil[5]. Nesta ocasião, foi formada uma comissão que, avaliando o assunto, compreendeu que havia chegado o momento dos batistas inaugurarem suas atividades na América do Sul. Na concepção da comissão, a aproximação diplomática entre o Império Brasileiro e os EUA colaborou para o nascimento de conjunturas favoráveis que possibilitaram o início da evangelização brasileira. Segue abaixo algumas das condições elencadas pela comissão:

[...] Há alguns pontos especiais que podem recomendar-nos o Brasil como um campo de missão: 1- A sua proximidade a nós e a facilidade com a qual pode ser alcançado por embarcações que navegam diretamente a partir dos rios. Quarenta dias é o tempo médio de uma viagem; [...] 3- A língua, quase aliada ao latim, como o seu caldo original, e com filiais francesas, italianas e espanholas, como ramos de parentesco, ocasionaria muito pouco atraso para um bom erudito clássico; e a crescente extensão do comércio cada vez mais trazem os ingleses para lá, uma vez que o comércio está quase exclusivamente nas mãos dos ingleses e dos americanos; [...] 6- É, tal como nosso, um país de escravos [...] um missionário dos estados do Sul da América estaria livre, pelo menos, deste embaraço. Ele não teria nada a pregar-lhe senão o evangelho de Jesus Cristo - e não precisa começar por lançar uma base de abolicionismo prático ou teórico (tradução nossa)[6].

---

[3] *Annual of Southern Baptist Convention*, 1853. p. 53.

[4] A obra *The Brazil and Brazilian* foi um importante veículo propagandístico do Brasil como campo de missão nos EUA. Ver: KIDDER, D. P; FLETCHER, J. C. **O Brasil e os brasileiros, esboço histórico e descritivo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1941.

[5] *Annual of Southern Baptist Convention*, 1859. p. 48.

[6] *Annual of Southern Baptist Convention*, 1859. p. 51.

Partindo disso, o primeiro missionário enviado pela SBC ao Brasil foi Thomas Jefferson Bowen. Após anos de atividades evangelísticas na Nigéria, este pastor precisou interromper suas atividades ao ser diagnosticado com malária e precisou retornar aos EUA para se tratar. Já em sua terra natal, enquanto elaborava uma gramática *yorubá*, Bowen decidiu apresentar-se à Junta de Richmond como pioneiro da missão brasileira. Recebendo a aprovação do Conselho, este pastor chegou à cidade do Rio de Janeiro no dia 2 de maio de 1860.

Em seu planejamento inicial encontrava-se a expectativa de implantar duas igrejas: uma de língua inglesa, e outra direcionada aos negros escravizados. Contudo, conforme aponta José dos Reis Pereira, diante das restrições das leis imperiais, Bowen foi obrigado a se contentar em distribuir bíblias e pregar em *yorubá* para os cativos que dominavam o idioma[7]. Cabe destacar que esta última atividade se encontrava proibida pela legislação brasileira, mas mesmo assim foi desenvolvida clandestinamente. Segundo Israel Belo de Azevedo, essas dificuldades frustraram o desejo do missionário de treinar um grupo de pregadores negros[8].

Em síntese, estes contatos com as comunidades escravas despertaram hostilidades entre alguns setores da sociedade carioca que, por sua vez, temiam uma possível rebelião escrava[9]. Vale lembrar inclusive, que Bowen chegou a ser detido por cometer essa infração. Todavia, após os primeiros nove meses da sua chegada, tanto o missionário, como também a sua família, tiveram que deixar o Brasil devido os mesmos motivos que interromperam suas atividades na Nigéria: as sequelas da malária.

---

[7] PEREIRA, José R. **História dos Batistas no Brasil (1882-1982)**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações. 1982.

[8] AZEVEDO, Israel Belo. **Coluna e Firmeza: História da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro** – Rio de Janeiro, PIB RIO, 1988. 207p.

[9] O incômodo da aristocracia carioca pode ser observado em uma curiosa matéria registrada no Diário do Rio de Janeiro no dia 26 de maio de 1860. Segue o conteúdo integral da publicação: “Dizem-nos que um pastor americano, ultimamente chegado de Richmond, traz intenção de converter as almas desgarradas às doutrinas das seitas anabatistas, que professa. Começou já a exercer a sua missão pregando aos pretos minas, cuja língua fala perfeitamente, ao que nos informam. Espíritos supersticiosos e timoratos, esses pobres pretos começam a tributar uma profunda veneração pelo missionário. Tal pregação pode desviar diversos prosélitos entre as inteligências broncas e incultas, estabelecendo, no país, uma seita cuja manifestação é inconvenientíssima. À autoridade compete a verificação desse fato”. Ver: **Diário do Rio de Janeiro**, 26 de maio de 1860.

Após o fracasso deste primeiro projeto, a segunda investida da Junta de Richmond só aconteceria novamente 20 anos mais tarde. Até 1881, nenhum profissional foi contratado para executar o programa. Contudo, em 1865 ocorreu um fenômeno social que quebrou todos os paradigmas comumente estabelecidos pelos conselheiros da SBC.

A década de 1860 entrou para a história dos EUA como palco da Guerra de Secessão. Uma vez envolvidas neste confronto, as maiores denominações evangélicas norte-americanas saíram deste evento fragilizadas, assumindo assim, significativas crises de ordem política e econômica. A própria Junta de Richmond, que antes da guerra civil vinha enviando missionários para diversas nações, suspendeu os seus projetos por períodos indeterminados.

Mediante a derrota dos confederados e a política de incentivo a imigração do governo brasileiro, a partir de 1865, milhares de sulistas, entusiasmados pela oportunidade de restabelecerem seus latifúndios, começaram a chegar ao Brasil, concentrando-se de maneira especial no estado de São Paulo. Dentre todos esses grupos de imigrantes, os que mais encontraram êxito foram aqueles que se estabeleceram nos municípios de Santa Bárbara D'oeste e Americana. Tendo em vista o fato de que a maioria desses confederados eram adeptos a religião evangélica, algumas igrejas foram construídas nessas colônias. Dentre todas elas, uma era de confissão batista.

Organizada em 10 de setembro de 1871, a igreja batista de Santa Bárbara D'oeste, oito anos depois da sua fundação, foi anexada pela SBC e classificada como “missão brasileira”[10]. Responsabilizando-se por essa comunidade religiosa, a Junta de Richmond enviou e denominou o reverendo Elias Hotton Quillin como o pastor e missionário responsável pelo fortalecimento da instituição. Conforme observa-se nas atas anuais da Convenção Batista do Sul dos EUA, Quillin dirigiu a comunidade até 1881, quando foi substituído por William Buck Bagby[11].

---

[10] OLIVEIRA, B A. **Centelha em Restolho Seco**. Rio de Janeiro: Autora, 1985.

[11] HARRISON, H B. **O gigante que dorme: biografia de William B. Bagby do Brasil**. Série Heróis Cristãos II. Rio e Janeiro: CPB, 1947.

Em resumo, a fundação da igreja dos confederados, a princípio não esteve relacionada aos programas oficiais da SBC. Contudo, após ser anexada pela Junta de Richmond, essa comunidade obteve um importante posicionamento na implantação do protestantismo batista no Brasil. Entre suas principais atribuições, cabe aqui ressaltar o fato de ter acolhido e ensinado o português aos missionários pioneiros, além de fornecer membros para as duas primeiras comunidades voltadas para nativos em solo brasileiro. Isto é, a Primeira Igreja Batista de Salvador e a Primeira Igreja do Rio de Janeiro. No entanto, não se pode esquecer que seus serviços locais se encontravam exclusivamente voltados ao amparo dos emigrantes. Todos os seus cultos ocorriam em língua inglesa e não havia ali preocupações prosélicas.

Por fim, a terceira e mais bem sucedida iniciativa missionária da SBC se deu justamente com a implantação das duas igrejas autóctones citadas anteriormente. Na assembleia anual de 1881, a Junta de Richmond emitiu uma autorização para o início daquilo que, por muitos anos, foi considerado como o legítimo marco inicial dos batistas brasileiros[12]. Tendo a cidade do Rio de Janeiro como preferência, os executivos da missão brasileira[13] fizeram a opção por implantar a primeira igreja direcionada aos nativos em Salvador. Como critérios de escolha, os missionários consideraram o fato de Salvador ser o segundo centro geopolítico do país, ter um clima agradável, possuir facilidades de comunicação por sua localização costeira e acima de tudo, por ainda não receber tantos missionários como a capital. Segue um trecho do debate que elegeu Salvador em detrimento do Rio de Janeiro como o pontapé inicial das missões batistas no Brasil: “Na Bahia, teríamos um campo quase totalmente desocupado à nossa frente. Enquanto no Rio de Janeiro há seis ou oito ministros evangélicos, na Bahia há apenas dois - presbiterianos do norte”[14].

---

[12] **O Jornal Batista**, 01 de fevereiro de 2009.

[13] MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 25.

[14] **Annual of Southern Baptist Convention**, 1882. p. 55.

A opção por Salvador de maneira nenhuma extinguiu o desejo dos missionários da SBC de alcançarem o Rio de Janeiro. Tanto, que no primeiro parágrafo após a citação apresentada anteriormente, é possível observar novamente as sinalizações das antigas expectativas dos conselheiros de iniciarem suas atividades na capital. Visto isto, conclui-se que, certamente, o Rio de Janeiro representava um estimado lugar estratégico para a consolidação do projeto batista brasileiro. Em um dos relatórios lê-se: "esperamos que em nenhum dia distante possamos não só pregar o evangelho em toda esta região, mas também estabelecer uma missão no Rio, onde estaríamos no meio de milhares, e ao alcance do sul do império, tal como estamos aqui ao alcance do Norte"[15]. Neste mesmo documento também encontra-se as seguintes frases: "Sempre ansiamos por ocupar o Rio de Janeiro, e embora ainda pensemos que a nossa escolha da Bahia é correcta, acreditamos que devemos estabelecer uma missão na capital do Império o mais depressa possível"[16].

A fundação de uma comunidade batista na capital (algo que, conforme observa-se, já havia sido cogitado antes mesmo da escolha de Salvador) somente veio a ser concretizada dois anos após a implantação da igreja baiana. Segundo Israel Belo de Azevedo, no ano de 1884, o pastor William B. Bagby, sua esposa Anne L. Bagby e sua doméstica Mary O'Rorke desembarcaram na cidade do Rio de Janeiro com o intuito de lançar as bases da missão carioca.

No mesmo dia em que esses indivíduos colocaram seus pés no perímetro carioca, Bagby se encontrou com o vice-cônsul norte-americano, John Miller, que havia conhecido no tempo em que atuou em Santa Bárbara D'Oeste. Após esse primeiro contato, essa personalidade os direcionou para uma pensão estabelecida na propriedade de uma viúva chamada Elizabeth Williams, membro de uma igreja batista em Londres intitulada como "O Tabernáculo" e pastoreada pelo renomado reverendo britânico Charles H. Spurgeon.

---

[15] *Annual of Southern Baptist Convention*, 1882. p. 56.

[16] *Ibidem*.



Mediante algumas negociações, iniciou-se ali, naquela pousada, na rua Senador Cassiano, no Morro de Santa Teresa, os primeiros cultos batistas na cidade do Rio de Janeiro. Visto isto, após algumas reuniões em que Bagby pregava em inglês, foi constituída no dia 24 de agosto de 1884, a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que, assim como se encontra na primeira ata da instituição, quatro foram os membros fundadores: o casal Bagby, a Sra. Williams e a Srta. Mary O'Rorke[17].

### **Considerações finais**

Em síntese, a discussão sobre o marco inicial batista sempre deixou de lado o lugar do Rio de Janeiro no projeto missionário da SBC. Como a cidade sempre foi projetada como a base do trabalho batista no Brasil, a igreja dos confederados e a igreja de Salvador nunca possuíram a capitalidade que a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro exerceu ao longo do século XX.

Contudo, tal panorama pode apresentar importantes aspectos da identidade missionária da Junta de Richmond que foram herdadas pelas igrejas batistas brasileiras. Pragmaticamente, o maior deles consiste na construção de igrejas irradiadoras, quase sempre nas capitais, que possam servir como um centro de suporte pessoal e financeiro para as regiões interioranas. Teologicamente, os batistas do sul dos EUA traziam consigo projetos civilizadores atrelados às suas noções de superioridade cultural. Algo que, conforme foi sinalizado pela Dra. Analzira Nascimento em seu livro: "Evangelização ou Colonização? O risco de fazer missão sem se preocupar com o outro", é um risco que constantemente atinge os batistas brasileiros[18].

---

[17] **Ata da Sessão Regular da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro**, agosto de 1884.

[18] NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização? O risco de fazer missões sem se preocupar com o outro**. Belo Horizonte: Ultimato. 2015.

## Referências

***Annual of Southern Baptist Convention*** (1847, 1851, 1853, 1859, 1882, 1885)

**Ata da Sessão Regular da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro**, agosto de 1884.

AZEVEDO, Israel Belo. **Coluna e Firmeza: História da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro**  
– Rio de Janeiro, PIB RIO, 1988

HARRISON, H B. **O gigante que dorme: biografia de William B. Bagby do Brasil**. Série Heróis  
Cristãos II. Rio e Janeiro: CPB, 1947.

MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

KIDDER, D. P; FLETCHER, J. C. **O Brasil e os brasileiros, esboço histórico e descritivo**. São  
Paulo: Companhia Editora Nacional. 1941.

OLIVEIRA, B A. **Centelha em Restolho Seco**. Rio de Janeiro: Autora, 1985.

PEREIRA, José R. **História dos Batistas no Brasil (1882-1982)**. Rio de Janeiro: Junta de Educação  
Religiosa e Publicações. 1982.

---

Texto recebido em 22.10.2021 e aprovado em 27.10.2021